



pedro  
geraldos

canto à beira do tempo

***CANTO À BEIRA DO TEMPO***  
***POEMAS***



**Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul**

**Chanceler:**

*Dom Dadeus Grings*

**Reitor:**

*Joaquim Clotet*

**Vice-Reitor:**

*Evilázio Teixeira*

**Conselho Editorial:**

*Antônio Carlos Hohlfeldt  
Elaine Turk Faria  
Gilberto Keller de Andrade  
Helenita Rosa Franco  
Jaderson Costa da Costa  
Jane Rita Caetano da Silveira  
Jerônimo Carlos Santos Braga  
Jorge Campos da Costa  
Jorge Luis Nicolas Audy (Presidente)  
José Antônio Poli de Figueiredo  
Jussara Maria Rosa Mendes  
Lauro Kopper Filho  
Maria Eunice Moreira  
Maria Lúcia Tiellet Nunes  
Marília Costa Morosini  
Ney Laert Vilar Calazans  
René Ernaini Gertz  
Ricardo Timm de Souza  
Ruth Maria Chittó Gauer*

**EDIPUCRS:**

*Jerônimo Carlos Santos Braga – Diretor  
Jorge Campos da Costa – Editor-chefe*

*Pedro Geraldo Escosteguy*

**CANTO À BEIRA DO TEMPO**  
**POEMAS**



© EDIPUCRS, 2009

Desenho de Trindade Leal – 1955

Diagramação: Gabriela Viale Pereira

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E74c Escosteguy, Pedro Geraldo  
Canto à beira do tempo : poemas [recurso eletrônico] / Pedro  
Geraldo Escosteguy. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre :  
EDIPUCRS, 2009.  
55 p.

ISBN: 978-85-7430-932-3  
Publicação Eletrônica  
Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader  
Modo de Acesso: <<http://www.pucrs.br/orgaos/edipucrs/>>

1. Literatura Rio-Grandense. 2. Poesia Rio-Grandense.  
I. Título.

CDD 869.9917

**Ficha Catalográfica elaborada pelo  
Setor de Tratamento da Informação da BC-PUCRS**



Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33  
Caixa Postal 1429  
90619-900 Porto Alegre, RS - BRASIL  
Fone/Fax: (51) 3320-3711  
E-mail: [edipucrs@pucrs.br](mailto:edipucrs@pucrs.br)  
<http://www.pucrs.br/edipucrs>

## SUMÁRIO

Sentido .....	7
Fuga .....	8
Melopeia.....	9
Gaivota.....	10
Anunciação.....	11
O estranho.....	12
Charco.....	13
Esboço .....	14
Obstinação .....	16
Limitação.....	17
Tontura.....	19
A escalada.....	20
Canção indelével.....	21
Conto.....	24
<i>Requiem à moça acidentada</i> .....	25
Identificação .....	27
Crayon.....	28
Poema perplexo .....	29
Hora .....	30
Retrato de Bianchetti.....	31
As imagens.....	32
O fuzilado .....	33
Constatação .....	35
Lucidez.....	36
Pouso .....	37
O chamado.....	39
Cisão .....	41
Noite de lua sem sol nascente .....	42
Meditação.....	44
Poema de perguntas e respostas.....	46
Marinha .....	48
Geometria do adeus.....	49
Entrevista .....	50
Poema da hora parada.....	51
Princípio .....	53

**Esta noite é do outro lado claridade...**

(Augusto Meyer - giraluz)

## SENTIDO

Cortei a pena secreta.

Cortei a tinta  
e esse tique  
de ver a imagem perfeita  
de ver a cara da alma  
de ver o riso da angústia.

Cortei em dois o destino  
cortei a música ao meio  
e atrás do corte sensato  
que fez um furo na vida  
que me levou onde as coisas  
nem fantasmas arquitetam  
fiquei parado:  
era a inércia  
que começava mais cedo  
era que a morte já vinha  
já era a sombra do nada.

Perdão, portanto, se volto  
do fim da pena secreta,  
se chamo tinta de tinta,  
se volto ao matiz do exato  
se torno ao riso da angústia  
se dou destino ao destino  
e assim, se canto de novo  
qualquer canção que eu perceba  
na pobre flauta do tempo.



## FUGA

Meus fantasmas têm nome próprio,  
embora vivam nas molduras abissais  
do tempo  
como quadros vivos ou mortos.

Nos meus dias de névoa  
pressinto seus passos  
de tule e pétala,  
e ouço mesmo suas vozes  
tagarelando fatos retidos  
para sempre,  
num único instante definitivos.

Vejo-os, então, com o riso que riram,  
o rosto perfeito e belo  
superando as idades. Estouram  
gargalhadas imitando cascatas  
de púrpura e cristal,  
ou ressoa o pranto  
de sal e marfim, renovando  
o mistério.

Não ando só nos meus dias de névoa.

Mas não falo.  
Nesses dias  
me chamarão também pelos nomes que tenho,  
e hão de me ver perambulando salas  
ou na chuva, ou no vento,  
recém saído do instante,  
com meu riso ou meu pranto,  
movendo o gesto petrificado  
onde serei o que fui.

## MELOPEIA

Tua tristeza subiu  
minhas escadas de desconforto  
através do histórico das nódoas.

Teus passos  
onde apenas perambulam  
espectros de chuva  
retumbam nos ninhos  
e observatórios  
onde o radar descobre o parvo  
e desperta lagartas.

Rompida a crisálida do riso  
a gargalhada se transformou  
em rastro e batuque.

Mas os tambores reproduziram  
ritmo de maré,  
maré baixa,  
carregando consigo  
teus tentáculos de água.

## **GAIVOTA**

Meu náufrago  
se fixou no pedaço de ilha  
onde reconstrói realidade.

Mar inquieto  
com olhos de suicida  
se atira em minhas praias  
com braçadas de alga.

Entre vento  
relâmpago e onda  
afloram  
escaleres e velas.

Sei onde está o perigo  
e a força  
das soluções primitivas.

Tu és a visitante,  
gaivota branca  
e tuas asas já te levam.  
Para te distrair  
construímos torre e sinal.

Quando cansares de ver  
as bússolas trágicas,  
vem descansar.

Meu náufrago te entreterá  
na margem de pedra.

## ANUNCIAÇÃO

O homem sabia de tudo  
mas preferiu flutuar  
no campo das hipóteses.

Então  
Veio o colega  
alertar  
a hora cirúrgica.

Veio o cirurgião  
ponderar  
o cálculo das  
probabilidades  
e os andaimes  
da segurança.

Veio o radio-  
terapeuta  
delimitar  
as zonas de  
antiagressão.

Alguém falou no dia  
quatorze de abril  
e fez crescer, de súbito,  
a barreira inexorável:  
as horas passaram  
a ser anãs  
para os planos do homem.

## O ESTRANHO

Não foi Heitor quem bateu.

Bateu o louco Tribino  
que anda à procura da noiva  
na madrugada do mar.

Quem veio aqui foi Tribino  
sobraçando as cartas que  
não tendo endereço certo,  
vai entregando aos amigos  
com palavras que aprendeu  
nos botequins sem luar.

Bateu o louco Tribino!

Meninas, não tenham medo,  
sua peixeira de prata  
só usa, quando precisa  
defender as suas cartas,  
que sem endereço certo  
vão se perdendo no tempo  
onde a noiva se escondeu.

Não foi Heitor quem bateu.

Se fosse Heitor, era um bruxo  
que nunca perde o que tem,  
que não entra em botequins  
onde não entra luar,  
e além de tudo, é amigo,  
um manso amigo do mar.

Bateu o louco Tribino  
cansado de procurar.

## CHARCO

Atrás da penumbra.

Dentro dela.

Ta-laque-taque

Talaque.

O som da guerla

gelada

sobe à margem do trópico,

talaque

e desce, ensopado

no ouvido da rã mínima.

Ta-laque-taque.

E o remo — talaque —

move a sombra do barco

move a sombra

move.

Talaque.

A sinalização da superestrutura

do silêncio

avisa a presença

de um corpo estranho.

Talaque.

Pode ser o começo

ou o fim do pântano

que não consta no mapa.

## ESBOÇO

O nome sem destino  
secou na árvore  
enraizada do século.

Aos poucos.

Primeiro, quando o feudo  
partiu-se.

Depois,  
quando estourou  
o arranco da república.

Agora, com o cerco  
do truste.

Tinha o dono do nome  
que vivera braço.

Tinha o homem,  
filho  
irmão  
esposo  
pai.

Tinha a tragédia do mundo ansiado,  
estertorando vômitos atômicos  
entre caras paradas,  
gestos parados,  
emoções paradas,  
a inteligência estagnada.

Tinha a arte.

A música.

A tinta.

Tinha a poesia.

Mas somente a árvore legítima com  
suas falas apenas entendidas pelo ven-  
to e pelos pássaros — sabia o segre-  
do da renovação.



## OBSTINAÇÃO

Não sei se duro  
três dias, três meses  
ou três anos,  
mas da palavra inarticulável  
dou um balanço no que fiz,  
e vejo que não é preciso  
assinar testamento.

O máximo que consegui  
foi ensinar para alguns  
a técnica mínima  
de abrir janelas.

(Ultimamente, ia esquecendo,  
tenho uma janela para o mar)

Abrir janelas!

Por isso  
meu julgamento vai ser duro  
e possivelmente serei condenado  
a morrer outras tantas vezes  
pelos muros togados.

Mal não há.

Voltarei para afirmar  
que é mais sensato o cerco do infinito.

## LIMITAÇÃO

Da meada bem  
complicada  
saiu o fio  
para a bola  
do novelo.

E a agulha  
de ponta torta  
fez argola  
fez laçada  
entre suspiros  
cansados  
e devaneios perdidos  
no passado e no futuro.

Fez-se o sapato  
pequeno  
e o pé  
foi ficando grande:  
está na casa dos vinte.

Que homem terás agora?

Qualquer um  
será teu filho.

O filho que a gente sonha,  
o filho que usa botas,  
o filho que usa asas.

Malfeitor,  
um boa-vida,  
um negociante,  
um artista,  
um proletário decente,  
um comprador de consciências.

Qualquer um será teu filho.

Deste sapato de lã,  
depois escola  
e conselho.

Tua casa é tão pequena  
que nem chega até a esquina.

Isto que é pena.

## **TONTURA**

Tua ausência se infiltra  
neste sol de sombras densas.

Pelo rio de cimento  
navego ideias agarradas  
ao teu voo de condor.

Sim, digo, num solilóquio  
de sonâmbulo,  
desconheço a paisagem.

E das meias-palavras  
surgem fantasmas que carregam  
os símbolos feridos.

Deve ser honra para alguns  
que se julgam no tempo.  
Mas prossigo.

## A ESCALADA

Tem um milagre azul no cimo da montanha.  
O tempo, para quê? Fecha, pois, o diário.  
Queima o diário, por intolerável  
e precisas partir certo grau de leveza.  
Eu fico na planície, onde as fontes se espraíam  
e o arado absorve o presságio do instante.  
Cantarolando pássaros. Assobiando entre cercas.

E o azul lá em cima...

A serpente vermelha  
da estrada que te leva não tem corpos de pedra.  
Podes ver os meus trigais até ficarem manchas.  
Não haverá neblina. Teu horizonte claro  
crescerá colorido em cada novo passo.  
Perto — flores selvagens atrairão teus gestos  
feitos de itinerário. Não penses no que eu disse.  
A frase é um mau desenho de coisas  
confluentes. Nunca espelha a verdade.  
O concreto é melhor, embora rude e exato.  
O tempo para quê? Todos estão no mesmo  
indelével momento. Basta ver de mais longe.  
Mais ou menos dali — perdidas as palavras,  
de onde podes me ver, decepados os símbolos.  
Como pesa o arado.

E o azul lá em cima...

## CANÇÃO INDELÉVEL

De onde vem este murmúrio  
sonoro,  
instrumental,  
água invisível  
de uma fonte mental?

Que ritmo  
rasga o véu de  
silêncio  
onde gestos de marionetes  
se movimentam  
terrivelmente sem expressão?

Entretanto o murmúrio  
que vem,  
sonoro,  
instrumental,  
se materializa  
no fundo dos quadros imaturos  
onde canários esquecidos  
foram cobertos com raízes  
do tempo.

(Os espectadores estão  
enfileirados em suas  
cadeiras permanentes  
aguardando a terceira  
pancada  
que abrirá o procênio  
para um silêncio  
maior).

Será mesmo instrumental  
esse murmúrio sonoro  
ou é algo que nasce,  
digamos  
o mistério de transformar  
objetos em seres?  
Não será um mistério, isto  
que já nos dá de quando em vez  
a impressão  
de que o autômato se ergue  
no fim dos séculos bárbaros?

Quem serão esses loucos  
doentes  
irresponsáveis  
ou, disseram, criminosos  
que rindo do tempo  
gozam agora o prazer da verdade,  
queimam dogmas,  
caminham escolas de ensinar  
a ouvir  
a ver  
e sentir  
e pensar  
sem medo de morrerem assassinados?

Tão poucos que são,  
tão humildes que foram  
e agora esse murmúrio  
sonoro  
que atrai passos vacilantes  
sem o auxílio do cordel  
— parálíticos que andam,  
plantam,

crecem,  
vivem,  
cantam,  
amam...

Que água invisível é esta  
que vibra com sabor  
de poesia  
nos seus anseios de liberdade?



## CONTO

Chegou um próprio  
da perspectiva decorada  
com longas planícies  
de espera.

Breve apontaria o cavalo  
recém domado que arrasaria  
os pastos que forjaram  
distância.

Mas um bicho do diabo  
tinha roído os tálamos  
da única rédea disponível.

É que o tempo marca  
mas não constrói, expliquei  
para o futuro limitado.

## **REQUIEM À MOÇA ACIDENTADA**

O dia tornou-se triste  
porque ficaste em silêncio

Tinha um sol de meia-tarde  
por entre as sombras paradas.

Os olhos da criançada  
estavam sobressaltados.

Viram teu carro de flores  
desfiando passos cansados.

Vieram lembranças de mortos  
no pensamento de todos.

A dor passou pelos olhos  
que brilhavam de alegria.

Disseram que eras boa, humilde,  
franca e correta.

Correu pelos corpos vivos  
um arrepio de infinito.

E a noite fechou-se, funda,  
sobre o secreto cimento.

Depois veio um novo dia,  
aberto, vibrante, intenso.

Passaram carros velozes  
cheios de rostos alegres.

A criançada, de novo,  
tudo invadiu com seus risos.

Andaram pela tua casa,  
cantando! Tu, que não cantas.

Notícias recém-chegadas  
eletrizaram o povo.

Nem notaram que o teu nome  
estava entre as aprovadas,

quase ao lado do negrito  
que anunciara tua hora.

## IDENTIFICAÇÃO

Fico te olhando nos olhos,  
na boca,  
no corpo e no idílio,  
mumificada em lembrança.

Fico te ouvindo  
junto ao poço  
onde matamos a sede,  
já drenado em canais.

Fico passeando  
a palestra transcendente,  
quando apalpamos, vendados,  
os contornos do sim e do não.

Poucos constatarão  
que desse jogo  
de esferas conjugadas  
nasceu o nosso filho cósmico.

Que da nossa alquimia  
sentimental  
andamos ao que somos.

E que o artesanato do sutil  
forjou-nos  
o mesmo ponto de partida.

## CRAYON

Abriu-se o arco da distância  
entre o pálido e o trêmulo:

o poema  
findou

rosa estrela silêncio beijo  
chuva mansa na hora das barras

indecisas.

Caminhei com os últimos notívagos  
e as carroças que vêm das granjas

Pequena madrugada  
de pedaços de sombra e de reflexos

nas poças  
d'água

Caminhei sobre coisas, arrastando

imponderáveis.

Que sede de caminhar! Como o passo

era curto  
e tosco

sem te levar ao braço, tu que ficaste

inerte

rosa estrela silêncio beijo  
olhando, sem ver, imagens deformadas.

## POEMA PERPLEXO

Cresceu a árvore feita semente  
de tragédia.

Para que gritas amor com  
todas as tuas forças?

Não vês que há motim a  
bordo? Coitado do livro velho  
arreganhando-se em mitos  
vociferando conselhos:  
já tem cabeças a prêmio  
e é de balde que o violino  
faz contrabando de ópio.

Para que gritas amor com  
todas as tuas forças?

Amor ficou protelado.

É hora apenas de ar,  
de ver se a lâmina corta,  
de pressentir de onde vem  
a mais aguda agressão,  
de ver se a água do tanque  
não se esvai por algum furo,  
de ir depressa no rádio  
soletrar a posição  
enquanto a tarde esmaece  
com autênticas gaivotas.

Não te basta a incoerência  
de resguardar a esperança  
com gases sulfamidadas?

## HORA

Estás aqui sem ver  
o tempo chucro  
corcoveando caminhos impossíveis.

Não há fonte que cante  
nem abelhas construtivas  
buscam tantas corolas  
artificiais.

Estás aqui sem ver  
o arco sensitivo  
que vai do olhar ao gesto  
neste conflito de distâncias  
acumuladas  
em arquiteturas assimétricas  
isentas de forma.

Estás aqui sem ver  
a alma triste  
pairando experiências de vida  
e de morte  
sem amparo  
e sem motivo.

Estás aqui sem ver  
as coisas simplesmente encobertas  
com tules de carinho  
e destino.





## AS IMAGENS

Fico mirando os espelhos  
que retiveram o tempo.

Minhas palavras, compridas,  
são sempre as mesmas: sem eco.  
Vive o silêncio em *close-up*.

A mão que falou, parece  
uma escultura. Olhos brilham  
tão perto, que os beijaria de novo.

Alguém está na iminência  
das frases definitivas,  
mas tudo é sonho,  
um aviso  
uma lembrança imutável  
da cor, da forma e do riso,  
quando os braços decidiram  
eliminar a vertigem.

## O FUZILADO

*a Garcia Lorca*

Finda a noite sem defesa  
cinco miras te procuram.

Escolherão  
teus sentidos.  
Teu coração.  
Tua  
alma.

Cinco miras não acertam  
onde calar o poema.

Tudo pronto. O instante exato  
da ordem para o estampido.

O anfiteatro do barranco  
está povoado de olhos.

Ainda pulsas, parado,  
cada vez mais pensamento.

Mãos vindas da eternidade  
descem cortinas de vento.

Sequiosa fração de vida  
prevê sereno improvisado.

Que imagem salta das armas  
em busca do vulnerável  
se, ante o ser e não ser,  
vês o gesto submisso  
investindo contra a mola?

Cinco gatilhos de sombra  
retumbam de madrugada.

E rolas, — corpo e semente,  
poeira de luz. Testamento.

## CONSTATAÇÃO

Cobre o teu corpo  
que é o veneno da volúpia  
no símbolo geométrico  
dos sentidos.

Nem fales  
as palavras do amor  
quando a ausência  
da ternura  
marca fronteira intransponível.

Entre nós  
corre um fluxo musical  
que vem de longe.

Onde estancas  
a inquietude,  
mão que é ninho  
pássaro e voo  
me reconduz ao universal.

## LUCIDEZ

Louco viu na minha cara  
fresta aberta para a infância.

Pegou minhas mãos nas suas  
enormes mãos de menino.

Como vai dona Lalinha,  
como vai o seu Domingos?

Eu quero sair do hospício  
eu gosto mais de Santana.

Ai, Geraldo, que tristeza,  
eu quero sair do hospício.

Como é que vai a Tereza?  
Diz pra ela que te cuide.

(Teresa morreu de tifo)  
Diz- pra- ela- que- te- cuide!

## POUSO

Vamos parar aqui  
para um minuto de repouso  
ou de silêncio.

Repouso, talvez não.  
Ontem partiram soldados  
carregados de armas.

Silêncio, talvez não.  
O ar está cheio  
de experiências atômicas  
porque se quer destruir muito,  
muito.

Vamos parar aqui  
para retomarmos  
o sentido da vida.

Olhar ao redor.  
Para os lados.  
Para cima.

— Tu te lembras de tudo?  
— De tudo.

Deixa, então, que perambulem  
as imagens gravadas  
com suor, sangue e sede.  
As mais vividas.  
As inesquecíveis.

Na verdade,  
não há minuto para repouso  
e silêncio.

Vamos ficar aqui  
e preparar  
a árvore, a pedra  
e a estrela  
que outros virão em breve,  
como nós,  
marcados com suor, sangue e sede.

Como nós.

## O CHAMADO

Carpinteiros  
pedreiros  
médicos  
marinheiros  
também tu,  
coveiro,

temos trabalho!

Conclamam-nos  
para refazer  
a obra desfeita  
a estrada desfeita  
a consciência desfeita.

Vinde de todos os lados,  
artífices,  
semeadores,  
tratoristas  
também tu,  
homem de mão no bolso.

É preciso debater-se  
em todos os detalhes  
as razões pelas quais  
a obra está desfeita  
a estrada desfeita  
a consciência desfeita,  
para que tudo  
não aconteça de novo.



Acorrei com vossos instrumentos  
preferidos  
com vossas reservas de entusiasmo  
com o braço disponível,  
sem ódio, sim,  
sem ódio.

Porque a reconstrução  
da obra desfeita,  
da estrada desfeita,  
da consciência desfeita  
é trabalho de amor.

E sobre os escombros  
o tom da rosa é amarelo.

## CISÃO

Houve um silêncio de asas.

Pés singraram mar de areia  
intacta.

Palavras soltas, de chamada,  
não tiveram eco.

Estamos perdidos.

E somos diferentes  
o que torna grave demais o caminho  
labiríntico  
onde imagens brutais  
mistificam esqueletos do tempo.

Resta um monólogo exausto  
onde brilhou o diálogo.

Das duas vezes duas  
dimensões do nosso código de ética  
ficou o espaço angular  
da dor e do tédio.

Morre, sem paz, o minuto.

## NOITE DE LUA SEM SOL NASCENTE

O homem sentado  
no arco invisível  
preso na abóboda  
azul-celeste  
se divertia.

Tudo lá embaixo!

(Mas tão distante)

Eis quando as cordas  
que sustentavam  
as asas tensas  
foram crescendo.  
E o arco enorme  
foi se agrandando.

Subiu  
a noite.

Cresceram nuvens  
tapando lua  
cobrindo estrelas.

E veio o vento  
gelando a pele,  
queimando a pele  
vibrando  
agudo  
nas longas cordas  
emaranhadas  
na fuselagem.

Não tinha rede  
no fundo cego  
mas tinha sede  
de água gelada  
de luz dourada  
sede de gente  
subindo escada,  
sede de beijo  
na testa fria  
sede de cama  
que descansasse  
as mãos exaustas  
presas nas cordas  
agigantadas.

E tinha fome  
de ver a terra  
desde o balanço  
preso no espaço,  
zunindo o vento  
com seus motores  
de mil cavalos.

Foi quando veio  
lâmina escura  
brusca, violenta,  
consciência adentro,  
e este silêncio  
que a gente sabe  
que não tem fim.

## MEDITAÇÃO

Agora o mistério de ser  
caminha entre barrancos  
antes de ter horizonte  
na inquietude de crosta.

Geometria do cálculo.

Álgebra emotiva.

O imprevisto.

A cor e o  
cinza.

Toda a felicidade gira em torno  
do eu.

Eu quero.

Eu penso que penso.

Eu medito.

Eu pago.

Eu amo.

Quando se fala em nós  
o horizonte se abre  
e a gente perde os companheiros  
da escalada.

Os que falam em nós são de um mundo  
diverso.

Tudo é tão vasto  
que a solidão se multiplica.

## POEMA DE PERGUNTAS E RESPOSTAS

— Por onde, mesmo, estiveste?

— Por este mundo.

Silêncio

de remotos pensamentos.

Mudaram tanto teus olhos!

Mudaste o gesto. O sorriso.

as mãos que tens... De quem são

tantos dedos tartamudos?

Solta o canário da grade,

abre, escancara a janela,

mas diz:

— Por onde, mesmo, estiveste?

— Por este mundo.

Vazio

o azul do céu inda espera.

Espera! — Onde está teu beijo?

E o canto, a canção, o poema

que vinha quando tu vinhas

e que saltava na frente

numa alegria de galgo?

Fala, — por onde estiveste?

— Por este mundo.

Que coisa

estranha, parar-se a gente

a fazer tanta pergunta.

Serás mesmo a que partiu,

(tarde de cravos vermelhos!)

o corpo, que eu modelara,

a alma, que eu surpreendera,

o desejo (que eu furtara)?

Por que esses olhos de tonta?  
Por que essa boca diversa,  
por que toda essa aparência  
que te apresenta de novo?  
Apenas porque te foste  
por este mundo.

Que mundo?



## MARINHA

A onda  
veio crescendo  
de muito longe,  
firme,  
direta.

Seria o colo  
de um cisne manso  
na praia inerte.

Fomos ficando  
muito pequenos.

Certo momento  
Só vi teus olhos.  
depois do corpo  
depois da alma.

Só vi teus olhos.  
Onda levou-nos.  
Subtraiu-nos.

Sobrou passado:  
as tatuíras  
areia adentro.

## GEOMETRIA DO ADEUS

O adeus  
ficou sendo o próprio gesto  
entre o sol  
e a sombra  
que decoravam a perspectiva

Visto de longe  
foi se perdendo  
em torso e bandeira.

Visto de dentro  
foi sendo nuvem  
foi sendo vento  
foi sendo seca,  
braço pendente,  
passo sem bússola.

Visto de cima  
foi procurado  
com toda a força  
que têm os olhos  
quando procuram.

Mas não foi visto.

## ENTREVISTA

Que pena o eu tem do nós  
com suas esferas diluídas,  
com metafísica própria,  
com seus olhos que vão longe  
e os seus abraços de mundo.

Suas vozes esquisitas  
de anacoreta e de gnomo,  
e até em sua anatomia  
de limites imprecisos  
se multiplicam destinos  
de estradas ao mesmo tempo  
nos caminhares tranquilos  
de botas de sete léguas.

Que pena o eu tem do nós  
quando se falam nas esquinas  
em entrevistas de vento  
e símbolos de infinito.

E o nós, — que não tem palavras  
de magia transitória,  
sofre ser nada e ser tanto,  
e assim como faz o mar  
amolda frases de espuma  
para a criança brincar.

## POEMA DA HORA PARADA

Agora vieram as manhãs pálidas,  
o verde anêmico,  
o vento fazendo redemoinhos sem  
expressão.

Quando batem,  
o coração não salta,  
os olhos não procuram encontro,  
não há o preparo  
do corpo e do espírito.

Caminho, sim, nas manhãs pálidas.

Descobri o campo.

Descobri a encosta.

Descobri o topo do morro.

Descobri o horizonte-sul  
e o horizonte-norte.

Tenho às vezes a impressão  
que virá uma mensagem  
de cor e inquietação,  
que ficarei oprimido,  
que me libertarei com violência  
e sonho.

Um certo tédio me avassala,  
como o do mineiro  
que agora vive ao sol,

como o do pescador de pérolas  
jogado na montanha,  
como o domador de tigres  
ante as feras humildes,  
e tenho um gesto  
de impetuosidade e desagravo.

Nas minhas manhãs pálidas,  
é como se jogasse tinta ao mar  
para ver as ondas rutilantes.

## PRINCÍPIO

Quando fechei o livro  
carne  
sentido  
e alma,  
era sábado.

E tarde.

Tão tarde que os  
itinerários  
estavam impedidos  
e era proibido  
boêmios  
nas estradas do silêncio.

E era noite.

Tão noite  
que todas as estrelas  
tinham terminado  
e os rios, cansados  
de serem cantados  
e utilizados  
para mover moinhos  
e acionar turbinas,  
encolheram os braços  
no fundo da areia.

E estava frio.

Tão frio  
que o carvão  
tirado das minas  
com o suor dos mineiros  
impacientes  
com a impunidade  
do tempo  
lento  
já não queimava  
no espaço impregnado  
de gases pesados.

E estava longe.

Tão longe  
que os olhos extenuados  
começaram a ver  
o outro lado da vida  
onde há carne  
sentido  
e alma.

Onde é cedo.

Tão cedo que os  
itinerários  
estão sendo feitos  
e os boêmios  
amanhecem  
para criar coisas novas.

E dia.

Tão dia  
que o pólen  
de todas as flores  
amarelas  
vermelhas  
e azuis  
se reuniu  
para formar outra vez  
as centelhas de luz.

E quente.

Tão quente  
que as labaredas  
dos braços vivos  
movimentaram rios  
reanimaram terras  
brilharam carvões  
milenários.

E era perto.

Tão perto  
que eu vi o tempo  
saltar com asas  
grandes demais  
na minha hora  
tão ínfima.